

Pedro David

Detalhamento de projeto para o prêmio Mario Cravo Neto

Mar de Morro

E o pico de Itabirito
Será moído, exportado.
Só quedará no infinito
Seu fantasma desolado.

Carlos Drummond de Andrade - 1951

No deslocamento diário pela região onde moro, em constante construção, registro marcas deixadas por montes de areia estocada pelos pedreiros, encostadas às suas paredes em processo, e retiradas à medida em que avançam em suas tarefas construtivas. São rastros de montes, que ficaram gravados às novas paredes, depois de algum tempo estocados em contato com as mesmas.

Passo também por enormes minas de ferro, que já fazem parte da paisagem mineira, mas que transformam serras vizinhas em escadas descomunais, que descem vagarosas até desaparecerem no horizonte ondulado.

Penso em Drummond, em Itabira, no Pico do Cauê, no Pico do Itabirito, e em inúmeros outros morros, que desaparecem da paisagem para manter nossa sina colonialista de fonte de recursos primários da metrópole.

“Olhe bem as montanhas...” Estampou o artista Manfredo de Souza Neto em uma obra/adesivo em 1974. Drummond o homenageia, ao completá-lo em crônica no ano seguinte: “... Porque elas estão acabando.”.

O Mar de Morro, formação geológica da região do quadrilátero ferrífero, tem suas “ondas” escavadas à vista de todos, para que seus minerais sejam exportados sem maiores explicações, impostos ou royalties. Seus restos, guardados nas infames barragens de rejeitos, são o cimento que soterra a natureza, cultura e esperança de um mundo mais justo.

Com fotografias sem profundidade, volume ou fato direto, lanço meu grito pelas serras e morros de Minas Gerais, crio imagens pictóricas que me parecem mais palatáveis que as imagens que poderia criar a partir das paredes das minas, que nada mais são que restos da geografia mineira desmontada.

São registros fictícios, nas paredes em construção, daqueles morros, que desapareceram na paisagem, “logo ali atrás”. As fotografias resultantes recebem títulos de serras e morros existentes, ameaçados pela ganância humana, que mira seu rico teor mineral.

Além do protesto sobre a situação alarmante por que passamos em nosso país, mais especificamente no estado de Minas Gerais, este trabalho também tem o objetivo de, explorar a linguagem fotográfica. Parte de um desafio à condição de índice, intrínseca à fotografia. Uma tentativa de trazer outros significados, além da marca análoga à realidade que cada imagem traz. A partir a imagem do rastro de um monte de areia na parede, desejo interpretar a vida cotidiana, que segue construindo e tentando desenvolver-se mesmo tendo ao fundo a vizinhança desta atividade tão poderosa e violenta que consome (até) as montanhas em volta.

Aprofundamento da justificativa teórico artística

A série Mar de Morro vem sendo desenvolvida durante todo o ano de 2018, e pode ser considerada um desdobramento direto da série O Jardim, que comecei quando cheguei à região onde moro desde 2009.

Na região metropolitana de Belo Horizonte, a 25 Km do centro da cidade, estão os bairros Jardim Canadá e Vale do Sol. Com sua ocupação recente, e uma grande diversidade de ocupações, e culturas, estes bairros serviram-me de cenário e fonte de material para uma experimentação que transformou minha maneira de trabalhar com a fotografia de várias formas.

Passei a olhar para estes dois bairros, cortados por uma extensa rodovia (BR 040 - Rio/Brasília), como um daqueles notórios viajantes europeus, que cruzaram um terreno brasileiro em busca de suas particularidades e novidades.

A leitura de Richard Burton, Auguste de Saint Hilaire, e Langsdorff, me trouxe a noção sobre ambiguidade que nos forma: alguma repulsa, em ver as idiossincrasias do olhar europeu sobre nossa região e povo, mas também alguma - surpreendente - afinidade de estrangeiro, como somos todos os viajantes em campo.

Mas foi com Jorge Luís Borges, e seu enigmático conto "Do Rigor na Ciência", que alcancei o *insight* para começar a viajar por "minha" própria região, com olhares de viajante. Como se pudesse, em um simples deslocamento cotidiano, empreender uma longa e nova viagem.

Os mapas desmedidos descritos no poderoso conto de Borges, fizeram-me pensar nestes dois bairros como gigantescas maquetes da terra. Os mapas do império, do mesmo tamanho que o próprio império, que os tais cartógrafos fantásticos lograram desenvolver e depois abandonar, devido à sua total inutilidade.

Ciente desta nova fonte de inspiração, passei a usar cada deslocamento pela região para observar, e anotar as melhores oportunidades e os horários ideais para fotografar esta viagem monumental. Sempre com a figura de linguagem "chave" para meu procedimento desde então, a metonímia. A parte pelo todo.

Passei a acreditar, e experimentar a capacidade metonímica da fotografia, em significar ideias mais amplas do que exatamente o objeto fotografado.

Desenvolvi O Jardim entre 2009 e 2012, quando decidi realizar um teste ainda mais ousado à linguagem fotográfica: o de empreender uma outra série de viagens monumentais, mas desta vez às profundezas do terreno onde vivo. O mesmo procedimento, em uma área muito mais reduzida. Esta foi a série 360 Metros Quadrados.

Fica então evidente uma trajetória em espiral existencial, que começa com a interpretação de uma origem mineira, com as viagens ao nordeste do estado de Minas Gerais, o Vale do Jequitinhonha, de Paisagem Submersa e Rota: Raiz (2002/07), para o centro íntimo, passando pelas questões de habitação de Aluga-se (2008), Coisas Caem do Céu (2009) e Última Morada (2010); O Jardim (2009/2012) e 360 Metros Quadrados (2012/14).

Em 2015 inicio um caminho contrário, abrindo a espiral, voltando lentamente a olhar para fora, para interpretar a urgente e incontornável questão da mineração.

O procedimento usado anos antes em O Jardim volta à tona, mas agora o objetivo concentra-se em encontrar as enormes paredes de minério que aparecem nos lotes vizinhos, quando são realizadas terraplanagens, para que obtenham uma área plana, nesta região tão montanhosa.

Sentindo sempre a proximidade absurda das seis minas ativas e em expansão no perímetro de 10 Km, passo a visitar estes lotes, que estão por cima dos mesmos minérios das minas circuvizinhantes.

A fotografia em formato grande, com as chapas de cromos, o tripé, o enquadramento rígido e todo o tempo necessário para a obtenção de uma fotografia correta, me faz passar um tempo alargado em contato com o material. Esta atividade me lembra os geólogos, que olham terra e pedra, e tiram suas conclusões. Investigo, mentalmente, enquanto fotografo nos terrenos dos vizinhos, a ganância dos grandes vizinhos - as mineradoras -, que extraem o minério bem ali ao lado. Realizo assim a série Terra Vermelha, entre 2015 e 2018.

Finalmente, em 2018, cada vez mais envolvido com o desenvolvimento de uma fotografia metonímica, e pictórica, tendendo à abstração, volto a uma imagem recorrente nos muros da vizinhança. Os decalques dos morros de areia, brita e terra, estocados pelos pedreiros das inúmeras obras que se revezam nesta ocupação recente, e pulsante.

Vejo a oportunidade de falar ainda desta urbanização galopante a que estamos submetidos - até à Amazônia -, e, mais veementemente, sobre os morros, que visivelmente nesta região, desaparecem sob nosso olhar.

Procedimentos

A série Mar de Morro foi desenvolvida durante todo o ano de 2018, a partir uma intensa busca pela situação fotografada: o rastro do material - areia, brita e/ou terra, deixado nas paredes dos dois bairros vizinhos, Vale do Sol e Jardim Canadá, na região metropolitana de Belo Horizonte. Rodeados por 6 minas de ferro em intensa atividade, que imprimem sua presença na paisagem e no cotidiano da região.

Os desenhos, como passei a chamar estes rastros, ao serem encontrados, são analisados sobre sua posição e horário ideal de luz. Na maior parte das vezes, escolho a luz indireta, que oferece uma maior diversidade de tons e cores do que a luz do sol direta na parede.

Na presença da condição de luz desejada, são fotografados imediatamente, ou, caso contrário, anotados para serem fotografados em horário mais propício. A execução das fotografias acontece, então nestas duas situações: em passagens, quando carrego o equipamento e encontro as situações desejadas, ou em dias específicos, quando saio de casa equipado, para realizar as fotografias de situações já mapeadas, e procurar outras.

Utilizo, nesta série, camera analógica, e película negativa em cores, no formato 6x7 cm.

De posse de uma quantidade de rolos de filme, os mesmos são mandados para o laboratório para serem revelados, e quando retornam são digitalizados para visualização e impressão de cópias de trabalho.

Uma vez editadas as fotografias que serão utilizadas, começo uma outra etapa de pesquisa, na internet, sobre as montanhas do estado de Minas. Busco fotografias de várias naturezas, que mostram os perfis das serras e morros de toda a região do Quadrilátero Ferrífero, salvo-as.

Estes perfis são comparados aos dos desenhos das fotografias para, intuitivamente, trazerem os títulos de cada fotografia da série Mar de Morro.

O nome Mar de Morro, refere-se à geografia mineira, pois é uma das denominações geográficas da região.

Pretendo, com esta ligação: das imagens dos muros e seus rastros com lugares existentes, reforçar o caráter metonímico do trabalho. Conectar os morros de Minas - ameaçados -, a estes morros das obras, já inexistentes, e suscitar no público a reflexão necessária.

Depois de esquadrihar os dois bairros à busca de novos morros, e fotografar vários deles, reparei que apesar da área não ser tão extensa, as situações das fotografias seguem sendo (re) criadas. Os materiais estocados são utilizados, obras ficam prontas, e suas paredes repintadas: morros desaparecem definitivamente na paisagem proto urbana, assim como os morros de Minas desaparecem à vista de todos, e "logo ali atrás", nas seis minas vizinhas.